

EVIDÊNCIA PSICOMÉTRICA DA ESTRUTURA FATORIAL DO INVENTÁRIO DO SEXISMO AMBIVALENTE EM BRASILEIROS E PORTUGUESES

Nilton S. Formiga* e Carla Serrão**

Faculdade Maurício De Nassau - João Pessoa, Pb - Brasil

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico - Porto - Portugal

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo comparar a estrutura bidimensional do Sexismo Ambivalente em amostras do Brasil e de Portugal. 802 sujeitos (408 portugueses e 394 brasileiros) de 16 a 66 anos participaram do estudo e responderam o inventário de sexismo ambivalente e questões sócio-demográficas. Nas duas amostras, a maioria eram mulheres (64 %) e 84% solteiros. Realizada uma análise de modelagem estrutural, confirmou-se, nas duas amostras, a bidimensional do sexismo, observando uma associação positiva entre sexismo hostil e benevolente. O resultado, além de corroborar os demais estudos em outros países, oferece suporte à teoria do sexismo ambivalente, a qual poderá ser observada na dinâmica social, independente, da cultura e contexto amostral.

Palavras-chave: sexismo, análise estrutural, cultura.

EVIDENCIA PSICOMÉTRICA DE LA ESTRUCTURA FACTORIAL DEL INVENTARIO DEL SEXISMO AMBIVALENTE EN BRASILEÑOS Y PORTUGUESES

RESUMEN

El estudio tiene como objetivo comparar la estructura bidimensional del Sexismo Ambivalente en muestras del Brasil y de Portugal. 802 sujetos (408 portugueses y 394 brasileños) de 16 y 66 años han participado del estudio y respondieron el inventario de sexismo ambivalente y cuestiones sociodemográficas. En las dos muestras, la mayoría ha sido mujeres (64%) y 84% solteros. Realizado un análisis de modelación estructural, se confirmó, en las dos muestras, la bidimensional del sexismo, observando una asociación positiva entre sexismo hostil y benevolente. El resultado, además de corroborar con los demás estudios de otros países, ofrece soporte a la teoría del sexismo ambivalente, la cual podrá ser observada en la dinámica social, independiente de la cultura y contexto de la muestra.

Palabras claves: sexismo, análisis estructural, cultura.

PSYCHOMETRIC EVIDENCE OF THE FACTORIAL STRUCTURE OF THE AMBIVALENT SEXISM INVENTORY IN BRAZILIAN AND PORTUGUESE

ABSTRACT

The present study aims to compare the structure two-dimensional of the Ambivalent Sexism in samples from Brazil and Portugal. 802 subjects (408 Portuguese and 394 Brazilian), ages from 16 to 66 years participated in the study and answered the ambivalent sexism inventory and demographic questions. In both samples, most were women (64%) and 84% were single. An analysis of structural modeling, it was confirmed in both samples, the two-dimensional sexism, observing a positive association between hostile and benevolent sexism. The result, besides to corroborate other studies in other countries, supports the theory of ambivalent sexism, which can be seen in social dynamics, independent of culture and context sample.

Keywords: sexism, structural analysis, culture.

*Faculdade Maurício De Nassau - João Pessoa, Pb - Brasil. Correspondencia: nsformiga@yahoo.com

**Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico - Porto - Portugal



O tema sobre a discriminação em relação à mulher permite inúmeras especulações nos espaços das Ciências Humanas e Sociais (Aguilar, 1997). As causas e consequências até podem ser hipotetizadas e defendidas, mas, somente poderá ser conhecida a verdadeira extensão desse problema se considerarem-se, diretamente, os agentes influenciadores do fenômeno do preconceito: as atitudes de homens e mulheres da sociedade civil.

O problema do preconceito ainda repercute na dinâmica das relações interpessoal, cotidiana e científica. Esse fato se deve ao debate quanto à diminuição na manifestação das formas diretas do preconceito nas relações interpessoais, que tem sido atribuída ao avanço tecnológico, profissional, educacional, político e social vivido pelas mulheres atualmente; bem como, pela possibilidade de controle – mesmo que imperativo à luz do espaço jurídico - sobre qualquer manifestação discriminatória em relação às mulheres.

O fato é que esse fenômeno nunca desapareceu, ele adquiriu novas formas de manifestação, quais sejam: sutis, disfarçadas, camufladas, etc. (Pettigrew & Meertens, 1995; Swim, Aikin, Hall & Hunter, 1995; Tougas, Brown, Beaton & Joly, 1995); formas estas que se organizam de tal maneira, que driblam o vetor do real preconceito, salientando a sua não existência. A metáfora usada por Munanga (2002) reforça essa reflexão, pois, para esse autor, o preconceito pode ser comparado a um *iceberg*, cuja maior parte fica encoberta e apenas pode-se ver sua ponta, enquanto o que está submerso, além de ser enorme, requer instrumentos e mecanismos especializados para que se possa ter em conta o tamanho e o possível risco para a natureza.

Essas novas formas do preconceito podem ser, então, em termos de analogia, consideradas como a parte submersa, são aquelas que não se veem ou que se disfarça. Por exemplo, ao comparar essa configuração do preconceito frente às mulheres, atribui-se serem elas grupo “minoritário” com direitos reconhecidos e vividos por elas, salientando, com isso, uma percepção na

dinâmica psicossocial do fenômeno do preconceito em relação às mulheres a não ocorrência deste fenômeno no Brasil, justamente porque os direitos exigidos por elas são cumpridos. Assim, esses atributos, entre outros, estereotipam as mulheres como uma categoria de grupo social satisfeita com o espaço social que vem ocupando. Mesmo assim, atribuem-se a elas serem pessoas sensíveis, maternas, emotivas, etc., as quais têm ganhado muito mais do que as gerações femininas anteriores (Formiga & Camino, 2001; Formiga et al., 2004).

Uma das aquisições mais expressivas do século XX foi a transformação que se fez na situação social das mulheres e nas relações sociais entre os dois sexos. Pode-se afirmar, pelo menos no mundo ocidental, que existe uma ampla consciência coletiva e um reconhecimento jurídico e institucional do direito das mulheres à igualdade (Silva, 2002). Em contexto português, e no início da década 70, tanto motivado por fenômenos de emigração massiva, bem como pela guerra colonial, originou-se a extensa diminuição da mão de obra masculina e o “crescimento vertiginoso da taxa de atividade feminina e taxas de feminização dos mais diversos sectores de atividade e profissões” (Silva, 2002, p.17).

Durante este período, os movimentos feministas emergiram, em vários países, em virtude de múltiplas situações de discriminação das mulheres, com o intuito de reivindicarem para as mulheres os mesmos direitos dos homens, no que diz respeito ao acesso à educação, ao mundo laboral e à participação em estruturas de poder econômico político. Apesar de o último século ter conhecido vitórias notáveis em vários campos da sociedade (cultural, social, econômico, educacional, etc.), subsistem, de acordo com Silva (2002), áreas de discriminação que decorrem, sobretudo, dos preconceitos sobre as mulheres e do próprio modo (masculino) de agir socialmente, capaz de influenciar na organização das relações sociais homem-mulher.

De fato, estas “avaliações negativas e atos discriminatórios dirigidos às mulheres em função da sua condição de gênero” (Lips, 1993) o

“sistema de opressão baseado nas diferenças de gênero que envolve políticas e práticas culturais e institucionais bem como crenças e ações individuais” (Shorter-Gooden, 2004, p.407), permitem sintetizar o que se denomina de sexismo e avaliar o impacto deste fenômeno no cotidiano e as problemáticas que o mesmo pode encerrar, nomeadamente ao nível pessoal (e.g., violência conjugal), profissional (e.g., criação de obstáculos na promoção na carreira) e interpessoal (e.g., a partir de piadas de cariz sexual).

Apesar de o sexismo ser vulgarmente conceitualizado como um reflexo de hostilidade contra as mulheres, Glick e Fiske (1996) consideram que esta noção omite um aspecto significativo que diz respeito a sentimentos subjetivamente positivos em relação às mulheres. Nesta ordem de idéias, a literatura (Glick & Fiske, 1996; Swim, Aikin, Hall, & Hunter, 1995; Formiga, Gouveia & Santos, 2002; Formiga, 2005; Formiga, 2011) tem mostrado que as atitudes tradicionais a respeito das mulheres, baseadas na assumida inferioridade que elas venham ou possam sofrer, enquanto grupo, têm “sido substituídas por novas formas de sexismo, nas quais a antipatia a elas dirigida tem se expressado de forma simbólica ou indireta” (Ferreira, 2004, p.120). Isto é, o sexismo flagrante tem sido substituído, atualmente, por uma forma de sexismo sutil ou camuflado que de igual forma ao sexismo antigo, ainda considerava uma espécie de sentimentos negativos sobre as mulheres, a nova forma desse fenômeno apresenta-se na encoberta, revelando as práticas mais contemporâneas de discriminar as mulheres (Deaux & LaFrance, 1998; Ferreira, 2004).

Glick e Fiske (1996), apoiados na perspectiva de uma nova forma de sexismo, apresentam a teoria do sexismo ambivalente, segundo a qual o sexismo pode apresentar duas formas principais de expressão:

1 - a hostil, definida como “a expressão mais flagrante de preconceito em relação às mulheres” (Allport, 1994), evidenciando crenças e práticas típicas de pessoas que consideram as mulheres inferiores aos homens, refletindo

antipatia e intolerância relativamente ao seu papel como figura de poder e decisão. Este sexismo aplica-se como punição “às mulheres não tradicionais, como as mulheres profissionais e feministas, na medida em que estas não desenvolvem os papéis que socialmente lhes estão atribuídos (Castro, Fernández, Fernández, & Garrido, 2009; Formiga et al., 2002).

2 - o sexismo benévolo, que segundo Siano (2000) e Formiga et al. (2002), “constitui-se na forma mais apropriada de justificar concessões e tratamentos diferenciados entre homens e mulheres, referindo-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, descrevendo-a como pessoa frágil, materna e sensual, que necessita de atenção mas que também destina-se a ser complemento para o homem. Este tipo de sexismo aplica-se como recompensa às mulheres que “cumprem os papéis tradicionais aceitando a supremacia masculina” (Castro et al., 2009, p.113).

Desta maneira, o sexismo ambivalente, conforme defendem Glick e Fiske (1996, 1999) é um fenômeno com aspectos paradoxais, girando à volta do poder social, da identidade de gênero e da sexualidade. Neste sentido e com o objetivo de se avaliar a natureza multidimensional deste construto, Glick e Fiske (1998) elaboraram o *Ambivalent Sexism Inventory*, interligando os dois tipos de sexismo, através de três componentes: o paternalismo, a diferenciação de gênero e a heterossexualidade (Mladinic, Saiz, Diaz, Ortega & Oyarce, 1998; Formiga et al., 2002).

É de realçar que cada componente reflete uma série de crenças ambivalentes sobre as mulheres, uma vez que cada um apresenta um matiz hostil e um matiz benévolo, que servem para fundamentar as condições sociais e biológicas que caracterizam as relações entre os sexos, por exemplo:

- O paternalismo baseia-se na noção de que a relação da mulher com o homem tem as mesmas características que uma relação paternal, podendo ter um matiz de domínio (sexismo hostil), como um matiz de proteção (sexismo benévolo) (Formiga et al., 2002).



- No que diz respeito ao componente de diferenciação de gênero, o que caracteriza o sexismo hostil é a noção de que somente o homem tem potencialidades e competências, descrevendo o sexismo benévolo como idéia de que as capacidades das mulheres são somente complementares às dos homens.

- No que concerne à heterossexualidade no tipo de sexismo hostil caracteriza a mulher como objeto sexual pelo qual o homem sente desejo, sendo que o tipo benévolo configura-se na crença de que a mulher “deve ter sempre um companheiro para ser completamente feliz” (Formiga et al., 2002).

Sexismo hostil e sexismo benévolo constituem-se ideologias complementares que são comuns a todas as culturas (Glick & Fiske, 1996), servindo para manter as desigualdades entre homens e mulheres. Múltiplos estudos desenvolvidos no âmbito da Teoria do Sexismo Ambivalente, e que utilizaram o instrumento proposto por Glick e Fiske (1996), demonstram que este instrumento tem boas características psicométricas, no que se refere à identificação e comparação de atitudes sexistas hostis e benevolentes, não apenas em amostras norte-americanas, mas também em amostras chilenas (Mladinic, Saiz, Diaz, Ortega & Oyarce, 1998), mexicanas (Expósito, Moya & Glick, 1998), coreanas (Kim, 1998), alemãs (Eckes & Six-Materna, 1999) e brasileiras (Formiga et al., 2002; Formiga, 2005; Formiga, 2011).

Apesar de se observarem resultados confiáveis nos estudos supracitados vê-se a necessidade de se reunirem mais evidências adicionais da validade e precisão intra e interculturais, centrando-se na validade de critério e estrutural em relação ao construto do sexismo, bem como, conhecer a estabilidade temporal e geo-política do fenômeno aqui abordado. Na mesma direção de raciocínio, outro ponto importante que deve ser destacado quanto à replicabilidade desse estudo se deve às amostras, que são mais diversificadas quanto às questões culturais dos respondentes. Com base nessas perspectivas, o presente trabalho tem como

objetivo: verificar, a partir da modelagem de equação estrutural, a fatorialização do Inventário de Sexismo Ambivalente em amostras de portugueses (Portugal-PT) e brasileiros (Brasil-BR). Espera-se assim, que a estrutura psicométrica do sexismo nas duas amostras se organizem em sua bifatorialidade.

MÉTODO

Participantes

802 sujeitos, com idades compreendidas entre 16 e 66 anos ($M = 21$; $DP = 8,23$) participaram do estudo. Nesta amostra, 408 sujeitos foram do ensino superior na cidade do Porto - Portugal e 394 sujeitos, também, do nível superior e da população geral na cidade de João Pessoa – Brasil. Nas duas amostras, a maioria eram mulheres (64 %). No que se refere ao estado civil, a maioria (84%) indicou ser solteira. Essa amostra foi não probabilística e sim intencional, o propósito de garantir a validade interna dos resultados da pesquisa.

Instrumento

O *Inventário de Sexismo Ambivalente* (ISA) desenvolvido por Glick e Fiske (1996): trata-se de um instrumento constituído por 22 itens em que o indivíduo tem de assinalar apenas uma opção numa escala de tipo *Likert* de 1-5 (1- discordo totalmente, 2- discordo, 3- nem discordo, nem concordo, 4- concordo, e 5- concordo totalmente). Este inventário tem como objetivo avaliar idéias sexistas quer de um ponto de vista benévolo, quer de um ponto de vista hostil.

Glick e Fiske (1996) realizaram vários estudos para a elaboração e validação da prova. Desta forma, o ISA era constituído inicialmente por 140 itens. Seguidamente, os autores aplicaram uma versão reduzida da escala composta por 22 a 32 itens a várias amostras. Relativamente à fidelidade do ISA, os autores obtiveram valores de coeficientes de consistência interna aceitáveis nos estudos. É de referir que o sexismo benévolo tende



a apresentar valores mais baixos, uma vez que esta subescala apresenta um carácter multidimensional. A escala final ficou reduzida a 22 itens distribuídos em dois fatores: O fator 1 (itens: 2, 4, 5, 7, 10, 11, 14, 15, 16, 18 e 21) reflete o sexismo hostil, uma vez que demonstra um preconceito mais evidente face ao género feminino e o fator 2 (itens: 1, 3, 6, 8, 9, 12, 13, 17, 19, 20 e 22) diz respeito ao sexismo benévolo, na medida em que demonstra uma forma sutil de diferenciação das mulheres. Este instrumento tem revelado indicadores psicométricos com amostras de outros países (por exemplo, EUA, Chile, México, Coreia, Alemanha, Brasil, etc.) garantindo a sua estrutura bifatorial atribuída às atitudes sexistas hostis e benevolentes.

Procedimentos

Todos os procedimentos adotados nesta pesquisa seguiram as orientações previstas na Resolução 196/96 do CNS e na Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CNS, 1996; ANPEPP, 2000).

Administração

Tanto no Brasil quanto em Portugal, o instrumento da pesquisa foi administrado de forma semelhante aos respondentes. A versão portuguesa do inventário foi adaptada a partir da versão brasileira de Formiga et al. (2002), a qual vem sendo confirmada longitudinalmente em recentes estudos (Formiga, 2005; Formiga, 2010; Formiga, 2011). Em Portugal aplicou-se o ISA a uma amostra de estudantes do ensino superior numa única instituição de ensino, em contexto de sala de aula. Os sujeitos foram solicitados a participar num estudo que pretendia analisar a percepção das pessoas relativamente às relações mantidas por diferentes grupos sociais. No Brasil, aplicou-se tanto a uma amostra de estudantes do nível superior quanto à população geral (transeuntes) na cidade de João Pessoa-PB.

As pessoas que mostraram interesse e que deram o seu consentimento em participar neste estudo foram esclarecidas de que não havia respostas certas ou erradas, e que respondessem de acordo com o que pensavam; foi assegurado o

anonimato das suas respostas, e que as mesmas seriam tratadas em seu conjunto. Desta forma, contando com as instruções necessárias para que o questionário pudesse ser respondido, os pesquisadores, em seus respectivos países, estiveram presentes durante toda a aplicação para o esclarecimento das dúvidas que surgissem. Um tempo médio de 20 minutos foi suficiente para concluir essa atividade.

Nos estudos anteriores, utilizou-se o pacote estatístico SPSSWIN, em sua versão 16.0, para tabular os dados e realizar as análises estatísticas descritivas e os cálculos referentes ao Alfa de Cronbach (~~)~~. Apesar da garantia na relação item-fator, na análise exploratória e as correlações internas entre fatores de cada escala encontrada nos estudos Glick e Fiske (1996), Formiga e colegas (2002), Ferreira (2004) e Formiga (2005), tais cálculos se baseiam apenas nos dados obtidos, desconsiderando um modelo teórico fixado, capaz de orientar a extração das dimensões latentes, justamente, porque nas análises exploratórias não é possível apresentar qualquer indicação sobre a bondade de ajuste do modelo.

As técnicas de análise de modelagem estrutural têm a vantagem de levar em conta a teoria para definir os itens pertencentes a cada fator, bem como, apresenta indicadores de bondade de ajuste que permitem decidir objetivamente sobre a validade de construto da medida analisada. Com isso, efetuou-se uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), gerando Modelo de Equação Estrutural (SEM) a partir do AMOS GRAFICS (versão 16.0) para comprovar, com maior robustez, a estrutura do inventário de sexismo ambivalente em portugueses e brasileiros.

Para realização da análise fatorial confirmatória, pretendeu-se testar a adequação do modelo quanto a sua unidimensionalidade e bidimensionalidade. Considerou-se como entrada a matriz de covariâncias, tendo sido adotado o estimador *ML* (*Maximum Likelihood*). Este tipo de análise estatística é mais criterioso e rigoroso do que o anterior – Principais Componentes - (PC)



utilizado nos estudos anteriormente citados; isto permite testar diretamente uma estrutura teórica, como a proposta pelos autores que adaptaram o mesmo inventário para o Brasil.

Esta análise apresenta alguns índices que permitem avaliar a qualidade de ajuste do modelo proposto (Byrne, 1989; Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005; Kelloway, 1998; Tabachnick & Fidell, 1996; Van de Vijver & Leung, 1997), por exemplo:

○ χ^2 (qui-quadrado) testa a probabilidade do modelo teórico se ajustar aos dados; quanto maior este valor, pior o ajustamento. Este tem sido pouco empregado na literatura, sendo mais comum considerar sua razão em relação ao grau de liberdade ($\chi^2/g.l.$). Neste caso, valores até 3 indicam um ajustamento adequado.

○ Raiz Quadrada Média Residual (RMR), que indica o ajustamento do modelo teórico aos dados, na medida em que a diferença entre os dois se aproxima de zero (Joreskog & Sörbom, 1989).

○ *Comparative Fit Index* (CFI) compara, de forma geral, o modelo estimado e o modelo nulo, considerando valores mais próximos de um como indicadores de ajustamento satisfatório (Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005).

○ *Goodness-of-Fit Index* (GFI) e o *Adjusted Goodness-of-Fit Index* (AGFI) são análogos ao R^2 em regressão múltipla. Portanto, indicam a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo. Estes variam de 0 a 1, com valores na casa dos 0,80 e 0,90, ou superior, indicando um ajustamento satisfatório.

○ *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA), com seu intervalo de confiança de 90% (IC90%), é

considerado um indicador de “maldade” de ajuste, isto é, valores altos indicam um modelo não ajustado. Assume-se como ideal que o RMSEA se situe entre 0,05 e 0,08, aceitando-se valores de até 0,10 (Garson, 2003; Kelloway, 1998).

○ *Expected Cross-Validation Index* (ECVI) e o *Consistent Akaike Information Criterion* (CAIC) são indicadores geralmente empregados para avaliar a adequação de um modelo determinado em relação a outro. Valores baixos do ECVI e CAIC expressam o modelo com melhor ajuste.

RESULTADOS

Buscou-se avaliar, no presente estudo, a estrutura do inventário de sexismo ambivalente em uma amostra brasileira e outra portuguesa. Efetuaram-se no pacote estatístico AMOS 16.0 uma análise fatorial confirmatória e modelagem de equação estrutural para as amostras de sujeitos portugueses e brasileiros, hipotetizando a bifatorialidade do modelo de acordo com o que foi proposto nos estudos citados anteriormente; a saber: Sexismo Benévolo – ISA 01, ISA 03, ISA 06, ISA 08, ISA 09, ISA 12, ISA 13, ISA 17, ISA 19, ISA 20, ISA 22 e o Sexismo Hostil - ISA 02, ISA 04, ISA 05, ISA 07, ISA 10, ISA 11, ISA 14, ISA 15, ISA 16, ISA 18, ISA 21.

Optou-se por deixar livres as covariâncias (ϕ , δ) entre os fatores. Os indicadores de qualidade de ajuste de cada modelo se mostraram próximas às recomendações apresentadas na literatura (Byrne, 1989; Tabachnick & Fidell, 1996; Van de Vijver & Leung, 1997). Os resultados obtidos nestas análises, observadas na tabela 1, revelam que o melhor modelo para o Inventário de Sexismo Ambivalente foi o *modelo bifatorial*, em todas as amostras; tanto na amostra geral, quanto, apenas, na amostra com portugueses e com brasileiros, os seguintes indicadores da qualidade de ajuste se revelaram

Tabela 1

Indicadores psicométricos da estrutura fatorial do inventário de sexismo ambivalente em brasileiros e portugueses.

AMOSTRA	χ^2	df	RMR	GFI	AGFI	CFI	RMSEA (intervalo)	CAIC	ECVI
Modelo causal 1*	1.08	0.04	0.98	0.97	1.00	0.01 (0.00-0.02)	1058.64	0.48	
Modelo causal 2**	1.05	0.04	0.97	0.95	1.00	0.00 (0.00-0.02)	936.94	0.90	
Modelo causal 3***	1.03	0.05	0.96	0.94	0.99	0.01 (0.00-0.03)	818.92	0.89	

Notas: *Modelo amostra total; **Modelo amostra Portuguesa; ***Modelo amostra brasileira. $p > 0.05$.

Considerando que todas as saturações (Lambdas, λ) estiveram dentro do intervalo esperado $|0 - 1|$ e que foram estatisticamente diferentes de zero ($t > 1.96$, $p < 0.05$), denotou-se, para todas as amostras, não haver problemas de estimação proposta para corroborar a existência de dois fatores para se avaliar o sexismo ambivalente: o sexismo *hostil* - expressão flagrante do preconceito em relação às mulheres e reflete antipatia e intolerância em relação ao seu papel como figura de poder e decisão (por exemplo, As mulheres feministas estão fazendo exigências completamente sem sentido aos homens; A maioria das mulheres não aprecia completamente tudo o que os homens fazem por elas); e o sexismo *benévolo* - refere-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, porém descrevendo-a como pessoa frágil, necessitando de atenção e etc. (por exemplo, As mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens; Muitas mulheres se caracterizam por uma pureza que poucos homens possuem).

Neste resultado observaram-se lambdas positivos na associação entre as duas dimensões - Sexismo hostil e benévolo (com a amostra total, observou-se um $\lambda = 0.54$, bem como, alfas de Cronbach, respectivamente, de 0.81 e 0.87; para a amostra portuguesa, o lambda foi de 0.49, com alfas de Cronbach, de 0.79 e 0.81; com a amostra brasileira, o lambda associativo esteve em 0.46, e os alfas foram 0.76 a 0.80). De forma geral, essa associação entre as dimensões do sexismo, apresentando lambdas (λ) positivos entre elas, isto é, sugere que, a existência de uma das formas desse sexismo, possivelmente, influenciará a outra forma discriminatória frente às mulheres.

Os resultados achados nesse estudo são encontrados em semelhante direção no estudo desenvolvido por Formiga (2011) com brasileiros.

A bidimensionalidade destacada no sexismo ambivalente pode ser expressa como um conjunto de estereótipos quanto à avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal sobre o papel apropriado que cada indivíduo deve ocupar ou executar na sociedade (Glick & Fiske, 1996); esta, mais uma vez foi corroborada, representada na forma benévola e hostil, as quais, interdependentes. Os resultados aqui apresentados confirmam empiricamente os achados sobre a mensuração do sexismo por outros autores em diferentes países, seja em sua análise exploratória ou confirmatória, com jovens ou adultos (Serrão & Formiga, 2012).

Assim, o ISA, considerando o presente estudo, seja com uma amostra de estudantes portugueses ou da população geral de brasileiros, permite evidenciar o preconceito frente às mulheres, mesmo em um contexto geopolítico diferente. Essa condição destaca que as associações item-fator além de continuarem próximas ao que era esperado para o construto avaliado apresentam uma estrutura semelhante às encontradas nos outros estudos, independente da cultura ou condição amostral (Expósito, Moya & Glick, 1998; Kim, 1998; Mladinic, Saiz, Diaz, Ortega & Oyarce, 1998; Eckes & Six-Materna, 1999; Formiga, 2011).

Considerando que a estrutura do inventário de sexismo foi comprovado, optou-se em realizar uma Manova, em associação ao teste *post-hoc* de Sheffé, a fim de avaliar as diferenças nas pontuações médias nas variáveis dependentes (sexismo hostil e benévolo) *versus* independente

(País, gênero e idade); observaram-se resultados significativos, para o efeito principal e de interação:

- No que se refere ao efeito principal, apenas para o sexismo benévolo houve diferença significativa para o país e a idade; isto é, os brasileiros pontuaram mais alto ($M = 3.46$, $DP = 0.04$; $IC - 3.38-3.53$) nesse tipo de sexismo do que os portugueses ($M = 2.85$, $DP = 0.03$; $IC - 2.78-2.92$) [$F(1,801) = 137.87$, $p < 0.01$]. Encontrou-se, para esses resultados multivariados, um valor F de 74.25, com um Λ Wilks de 0.94.

- Ainda focado no efeito principal, em relação ao sexismo hostil, houve diferença significativa quanto ao gênero. Os homens apresentaram médias mais altas ($M = 3.25$, $DP = 0.04$; $IC - 3.18-3.33$) nesse sexismo do que as médias das mulheres ($M = 2.84$, $DP = 0.03$; $IC - 2.78-2.91$) [$F(1,801) = 67.52$, $p < 0.01$]. Estes apresentaram um valor F de 35.70, com um Λ Wilks de 0.91.

- Por fim, o efeito principal da idade revelou diferença significativa nos dois tipos de sexismos. Os sujeitos mais novos revelaram médias superiores ($M = 3.13$, $DP = 0.03$; $IC - 3.06-3.20$) no sexismo hostil quando comparado a média dos mais velhos ($M = 2.97$, $DP = 0.04$; $IC - 2.90-3.04$) [$F(1,801) = 10.32$, $p < 0.01$]. Em semelhante direção, quanto ao sexismo benévolo, os mais novos tiveram médias mais altas ($M = 3.24$, $DP = 0.04$; $IC - 3.17-3.30$) do que a média dos mais velhos ($M = 3.07$, $DP = 0.04$; $IC - 2.99-3.15$) [$F(1,801) = 10.14$, $p < 0.01$]. Estes apresentaram um valor F de 7,30, com um Λ Wilks de 0.98.

- Quanto ao efeito de interação, apenas o sexo *versus* idade apresentou resultado significativo em relação ao sexismo benévolo; isto é, a mulher mais nova teve média mais alta [$F(1,801) = 3.74$, $p < 0.01$]. Encontrou-se, para esses resultados multivariados, um valor F de 2.07, com um Λ Wilks de 0.99.

DISCUSSÃO

A partir desses resultados, é possível

refletir na seguinte direção: o sexismo revelou-se ser mais presente em brasileiros do que em portugueses; essa condição parece se organizar sobre um caráter machista e instrumental representado nas atitudes dos brasileiros homens, pois eles caracterizam-se, a partir de uma modularidade social, como seres cavaleiros e sensíveis, porém, interessados no aspecto servidor e afetuoso da mulher. Outra questão que merece reflexão é quanto à idade, pois, para ambos os sexismos – benévolo e hostil – os sujeitos mais novos apresentaram médias superiores aos dos mais velhos.

Ao avaliar os resultados do efeito de interação, as mulheres mais novas pontuaram mais alto no sexismo benévolo, isto é, parece que elas não percebem essa dimensão do sexismo, como algo preconceituoso na sociedade, pois, ser sutilmente discriminatório é menos grave do que ser uma pessoa de preconceito hostil; isto é, atende-se assim, a uma desejabilidade social na forma de discriminar. Como esperado, este estudo revelou que o Modelo de Sexismo proposto por Glick e Fiske (1999), assumido na sua bidimensionalidade no sexismo hostil e sexismo benévolo, é uma constante em diferentes culturas.

Entende-se que a existência das atitudes preconceituosas positivas (em sua forma sutil e disfarçada) possam trazer algum benefício, pois, é bem melhor que seja inibida qualquer atitude preconceituosa direta, a qual, possivelmente, gerará violência objetiva ou subjetiva. No entanto, tais formas sutis de preconceito frente às mulheres não devem ser tomadas como uma valorização humana e social (Formiga, 2009). É necessário administrar essas atitudes sutis com muito cuidado, pois, tem-se acompanhado o surgimento dessas novas formas do preconceito nos mais variados grupos sociais; estas atitudes merecem, também, uma atenção detalhada para não vir a substituir uma forma de preconceito por outra, prejudicando as relações interpessoais intra e intergrupos.

Com isso, a atitude sutil do preconceito, neste trabalho vista como sexismo benévolo, pode ser compreendida como uma avaliação real nas

relações interpessoais. Por outro lado, a atitude negativa – isto é o sexismo hostil - aponta para a separação ou o afastamento, onde o sujeito prefere não participar ou envolver-se com os membros do grupo, assumindo atitudes de distância social. Pode-se compreender a dimensão sutil do sexismo como um preconceito camuflado e discreto; já, a outra forma de sexismo, como tradicional e rígido; as quais devem ser inibidas.

Apesar de se observar que os indicadores estatísticos da consistência interna, especificamente, quanto ao alfa de Cronbach, em relação aos dois fatores de sexismo, tenham sido diferentes dos encontrados nos estudos em amostras nos Estados Unidos por Glick e Fiske (1996) e no Brasil por Formiga et al. (2002; Formiga, 2011), ainda se pode dizer que o inventário apresenta garantia psicométrica para o contexto português e brasileiro. Porém, é necessário destacar a condiação da característica amostral em cada país para esse estudo, a qual foi distribuída entre pessoas de curso universitário e pessoas da população geral (especialmente, no Brasil), permitindo assim, refletir quanto ao limite do estudo, pois, poderia ter sido promissor uma avaliação diferenciando o problema do sexismo entre sujeitos de curso universitário e da população geral. No entanto, no presente estudo trabalhou-se com uma estatística mais avançada e robusta, permitindo avaliar a consistência estrutural do sexismo ambivalente e o poder de mensuração desse fenômeno nos sujeitos pesquisados.

Conclusão

De forma geral, os indicadores de bondade de ajuste apresentaram evidências da validade fatorial e de consistência interna para o ISA com uma amostra portuguesa e brasileira, bem como, na amostra total (somatório das duas amostras); o ISA é válido, independente da condição amostral; sendo assim, justifica-se seu emprego nos dois países com o objetivo de avaliar tanto a existência do sexismo quanto as variáveis antecedentes e consequentes sobre o preconceito frente às mulheres.

Este estudo permitiu evidenciar que o sexismo hostil e benévolo está presente tanto em amostra da população portuguesa quanto da população brasileira e que estas duas formas de preconceito contribuem para legitimação de mecanismos que influenciam a manutenção da desigualdade entre homens e mulheres. Este dado é mais alarmante se o analisarmos tendo em conta algumas das variáveis sociodemográficas relativas a esta amostra, nomeadamente, a idade (tratando-se em geral de jovens) e o gênero. Quanto à idade deve-se refletir, no processo de socialização, buscar maiores investimentos sócio-cognitivos e de políticas públicas, quanto à inibição da construção e manutenção do preconceito frente às mulheres, nos grupos dos mais jovens e, especificamente, nos homens.

Apesar dos resultados serem confiáveis, alguns limites merecem ser salientados neste estudo: faz-se necessário reunir evidências adicionais da validade e precisão considerando amostras mais diversificadas quanto às características dos participantes (por exemplo, a diferença econômica, nível de estudo, envolvimento religioso, etc.); um outro estudo sobre o sexismo seria útil se focasse na dinâmica interna da família, tomando como base a avaliação dos processos socializadores da transmissão dos valores na família e o desenvolvimento geracional dela quanto ao papel social e interpessoal que a mulher deve seguir na sociedade a fim de avaliar a origem da formação do sexismo entre pais e filhos.

REFERÊNCIAS

- Associação nacional de pesquisa e pós-graduação em psicologia – ANPEPP (2011). *Contribuições para a discussão das Resoluções CNS n.º. 196/96 e CFP N.º 016/2000*. Recuperado em 02 de Setembro de 2011:
- http://www.anpepp.org.br/XIISimposio/Rel_Co missaoEticasobre_Res_CNS_e_CFP.pdf2000
- Byrne, B. M. (1989). *A primer of LISREL: Basic applications and programming for confirmatory factor analytic models*. New York: Springer-Verlag.



- Castro, Y. R., Fernández, M. L., Fernández, M. V. C. & Garrido, J. M. F. (2009). Aproximación conceptual al sexismo ambivalente: estado de la cuestión. *SUMMA Psicológica*, 6(2), 131-142.
- Conselho Nacional de Saúde – CNS. (1996). *Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos*. Recuperado em 02 de Setembro de 2011, da WEB (página da WEB): http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm.
- Eckes, T. & Six-Materna, I. (1999). Hostilität und Benevolenz: Eine Skala zur Erfassung des ambivalenten Sexismus. *Zeitschrift für Sozialpsychologie*, 30, 211-228.
- Expósito, F., Moya, M. C., & Glick, P. (1998). Sexismo ambivalente: Medición y correlatos. *Revista de Psicología Social*, 13, 159-169.
- Ferreira, M. C. (2004). Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de género. *Temas em Psicologia da SBP*, 12(21), 119-126.
- Formiga, N. S. (2005). Estrutura fatorial do inventário de sexismo ambivalente a partir da análise dos eixos principais. *Psicólogo Informação*, 9(9), 09-28.
- Formiga, N. S. (2011). Inventário de Sexismo Ambivalente: Um estudo a partir da modelagem de equação estrutural. *Revista de psicologia da UFC*, 2(1), 104-116.
- Formiga, N. S. & Camino, L. (2001). A Dimensão do Inventário de Papeis Sexuais (BSRI): A masculinidade e feminilidade em universitários. *Estudos de Psicologia*, 18(2), 41-49.
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V., & Santos, M. N. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o género. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 103-111.
- Formiga, N. S., Yepes, C. F., Alves, I., Ayroza, I., Teixeira, J. & Curado, F. (2004). Flagrando o preconceito: Uma análise descritiva das atitudes preconceituosas frente aos negros, mulheres e homossexuais. *Anais do XXXIV reunião anual da sociedade brasileira de psicologia. Formação do psicólogo brasileiro: História de desafios e conquistas*. Ribeirão Preto - SP. 26 a 29 de Outubro. [Resumo Eletrônico].
- Garson, G. D. (2003). *PA 765 Stat notes: An online textbook*. Endereço de página Web: <http://www2.chass.ncsu.edu/garson/pa765/statnote.htm> (consultado dia 17 de maio de 2005).
- Glick, P. & Fiske, S. T. (1998). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 491-521.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1999). The ambivalent toward men inventory: Differentiating hostile and benevolent beliefs about men. *Psychology of Women Quarterly*, 23, 519-536.
- Glick, P. & Fiske, S. T. (2001). Ambivalent sexism. In: M. P. Zanna, (Ed.). *Advances in experimental social psychology* (p. 115-188). Thousand Oaks (CA): Academic Press. v. 33.
- Hair, J. F.; Tatham, R. L.; Anderson, R. E.; Black, W. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Joreskog, K., & Sorbom, D. (1989). *LISREL 7 user's reference guide*. Mooresville: Scientific Software.
- Kelloway, E. K. (1998). *Using LISREL for structural equation modeling: A researcher's guide*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Kim, H. J. (1998). Men's motivation toward women and sexual harassment. *The Korean Journal of Psychology: Women*, 3, 133-147.
- Lips, H. (1993). *Sex and gender*. Mountain View, CA: Mayfield.
- Silva, M. (2002). *A igualdade de género – Caminhos e atalhos para uma sociedade inclusiva*. Cadernos Condição Feminina, 53. Lisboa, CIDM.
- Swin, J. K., Aikin, K. J., Hall, W. S. & Hunter, B. A. (1995). Sexism and racism: Old-fashioned and modern prejudices. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 199-214.
- Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (1996). *Using multivariate statistics*. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.
- Van de Vijver, F., & Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Recibido: 6 de junio del 2012

Aceptado: 14 de agosto del 2012

